

O ESPAÇO DA CINZA

Gilda Nunes Barata

A memória é a possibilidade de que o passado seja reinventado fora do que vamos sendo. A memória é o fio dos corpos que premeditamos e depois se impõem de verdade...

Olho estas fotografias e vejo um apego ao sofrimento na fimbria das imagens que constroem por si um lugar em que cada constelação pode ser brutalmente verdade.

Somos dominados pelos corpos na certeza de que «tout est visible»¹ como afirma Wim Mertens ou então não nos resta senão aceitar, como disse Vergílio Ferreira, que «Nós somos os fragmentos de não sabemos que unidade. Nós somos órgãos dispersos de não sabemos que organismo. Soubemos unificar as constelações, a dispersão dos seres, talvez a do universo. Mas somos incapazes de unificar o nosso tempo»². Nós não temos unidade e dela estamos «loucos», disse Camus.

A unidade do mar é para mim sempre o recomeço de uma reconversão a uma inquietação que me leva para um lugar incoerente, perturbador e muito lúcido.

Nestas imagens, lembrei-me que o rasto esgota-se e quem nele vive pergunta-lhe insistentemente: «Por que não tens nada para dar?». E ele pergunta: «Que procuras tu nela?». E isto porque os dois- rasto e a sua sombra- sabem que nada há que nela fique...

A memória é aquele lugar de quem se despoja até que possa lentamente refazer o êxtase da entrega. Esse lugar da perda individual em que o sujeito diz: «Eu era ali», no meio da sombra, da ruína e que ela ouvia em possibilidade anterior, em harmonia e unção.

O tempo tem uma precisão e domínio que se chama desgaste. Veja-se a carne da pedra, a cinza do corpo prostrado ou ainda a depressão líquida das areias não amadas que se inclinam ou a raiz que, lado a lado, faz da pedra um ente vivo que vive em espera.

Pouco a pouco, dizemos: «Eu vi o som, eu subi a escada e fiz-me atmosfera sem que não deixasse de ser pessoa...», e a pequena pedra branca que ilumina a preta diz: «Não se pode exceder os céus que foram rasgados pela dor. Tudo o que te constitui será reunido dentro do que em ti estremecer...».

Estremecem ramos não porque sejam morte, mas porque se erguem dessa mesma morte para uma noite do mundo... Há, então, a voz indefinida da maresia que insiste: «Eu vinha dizer esse lugar... para que se perpetuasse e purificasse...».

1 Wim Mertens, «Tout est Visible» (5'45), Integer Valor (all music composed, arranged and produced by Wim Mertens), Crépuscle, 1998.

2 Vergílio Ferreira, Pensar, citado por Ana Isabel Turíbio, «A Confissão de Lúcio, Cântico Final e Estrela Polar: Um Diálogo Possível», in Vária Escrita, Cadernos de estudos arquivísticos, históricos e documentais, nº 9, Sintra, 2002, p. 78.

Branca, puríssima, a espuma é o túmulo que conserva alguma coisa subtraída à morte- talvez um outro lugar. E, se pudéssemos conjugar o rosto absoluto com o fragmento inacabado, cairia a lágrima e acentuaria a perfeição...

«Destruí a hesitação, até serei capaz de ser tua amante mesmo que seja a amante errada», e já a pedra acabada e já a pedra inflamada e inchada sem aguentar esta promessa de quem não sabe o que quer e marca a pedra e marca quem acredita nisso...

A ravina diz: «Sê calmo na tua aprendizagem do Nada... Há muito tempo, há o tempo da súbita ternura que se parte e desliza impercetivelmente em figuras e irrealdade. E isso porque tu não vês... Entras-te comigo e deslizas no teu lugar...».

Ainda vou a tempo? Com um toque desfaço-me, não posso mais... Porque te amo muito, mais do que tudo isso. Imagina um espasmo inclinado ou então um amor sem consistência incriado... O nosso segredo, o nosso amor quente, outra vez, por favor... Nasce, outra vez, para nós... Talvez o recanto do teu corpo, a corrupção óssea de um amor que tem dias e dias de destruição no volume suave, raso dos dias que a indiferença condenou... A tua indiferença matou-me. É na linfa que poderás ver passar todos os sentidos para o centro da sua agitação. Perdoa a ressonância, perdoa o fragor ou a onda que percorre a tua ramificação interior. Que importância tem o minimal, se eu não puder ver o teu coração? Que grande liberdade existe no fundo de um coração que não ama? Existe apenas o ruído, uma beatitude estática..., o esgotamento como algo que não vai mais longe, nem pode ir andando, como se onde entrasse caísse... Não posso. Não regresso. Não aguento. Percorre-me nessa sujeição...

Então, o amor recua bruscamente: nítido, cavo. Aceito... É o mar multiplicado, onde tudo começa inverosímil numa violência das portas meias abertas, pequenas varandas suspensas no Nada... E o medo, e também o medo e ainda o medo, não fora o medo o primeiro a ser dissolvido na espuma de raízes de desencanto...Um abalo. Talvez a verdadeira realidade informulada, anterior e posterior, de ti apenas o silêncio indistintamente curvado na nossa sabedoria, na força macia que não coube nas nossas almas...

A minha memória não é igual a nenhuma ruína...

Como poderia ela construir a nossa fronteira de alma?

Como poderia ela ter-te sem mim no caminho dividido do nosso véu alado?

Como?

Se tu sentirias, e eu sem corpo também carne...